

Três gerações femininas em famílias de camadas médias: trajetórias de vida e o projeto de autonomização¹

Myriam Moraes Lins de Barros

Escola de Serviço Social/UFRJ

Resumo: A dinâmica da unidade residencial constitui uma dimensão importante para a compreensão das mudanças nas relações familiares e nas formas de organização doméstica. Em pesquisa baseada nas narrativas de história de vida de três gerações de mulheres de camadas médias, verifica-se a flexibilidade nas unidades residenciais, sobretudo, na perspectiva das mulheres com idade entre 50 e 60 anos, a geração intermediária. As mudanças na composição da unidade doméstica não estão referidas ao ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. Enquanto que as transições neste caso correspondem a um quadro mais tradicional da vida familiar, a idéia de flexibilidade residencial traz a constatação de mudanças sociais que fazem parte das experiências de vida da geração de mulheres da geração intermediária: separações conjugais, novos casamentos, a entrada do novo companheiro na residência, saída dos filhos jovens adultos e sua volta, muitas vezes não prevista ou desejada. Constatamos uma marca distintiva geracional: a dinâmica da unidade residencial passa a ser um ponto de contraste entre a geração intermediária e suas mães e filhas. Em relação às mães, as mulheres mostram uma reversibilidade constante na organização doméstica: ora estão com os filhos, ora não; ora definem-se como casadas ora não, em função de formas e períodos conjugais. Em relação às filhas, a dinâmica familiar flexível põe em foco os limites do projeto de autonomização e de independência feminina.

Palavras-chave: geração, família, gênero.

Introdução: Mudança social e gerações

Mudanças de comportamentos, de valores, redefinições das relações intergeracionais e das relações de gênero são sistematicamente apresentadas para construir as interpretações sobre as transformações mais recentes na família de camadas médias no Brasil. Trabalhos sobre juventude, nestes segmentos sociais, apresentam ainda outras questões que definiriam a tendência às mudanças sociais e à pluralidade e heterogeneidade de trajetórias de vida como o adiamento da saída dos jovens adultos da casa dos pais ou a gravidez de adolescentes (Heilborn et al., 2006). Os estudos sobre envelhecimento, por outro lado, mostram uma longevidade populacional significativa e formas de reorganização do cotidiano familiar e das relações intergeracionais em função da presença dos pais mais velhos (Peixoto, 2004). As mulheres que têm, hoje, pais vivos e filhos jovens e jovens adultos e que, justamente, adiaram sua saída da casa dos pais, enfrentam uma realidade não vivida por seus pais. Neste aspecto, pelo menos, esta experiência geracional

¹ Trabalho apresentado na 26a. Reunião Brasileira de Antropologia realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

proporcionada pela mudança social em ritmo acelerado, poderia ser compreendida pelo que Margareth Mead (2002) denomina de pré-figurativo².

Este artigo pretende apresentar alguns aspectos levantados durante a pesquisa “Relações intergeracionais e de gênero em famílias de camadas médias urbanas”³ que teve como objetivo estudar as mudanças e permanências de modos de vida e de valores entre as gerações de mulheres de uma mesma família de camadas médias. A experiência de vida de mulheres das três gerações é analisada a partir da composição de questões relativas às gerações, à mudança social e à transmissão de valores, de normas e de práticas compondo o quadro da problemática das relações intergeracionais. Família, casamento, maternidade, amizade, sociabilidade, profissão e religião são alguns temas desenvolvidos nas narrativas que tratam das transformações na vida social e da biografia de cada mulher entrevistada.

A dinâmica carregada de tensão da mudança e da permanência entre as gerações é apresentada em duas medidas de tempo. Uma é definida pela trajetória de cada mulher entrevistada e a outra pelo tempo da própria história familiar identificada pelas três gerações de mulheres: as avós, as mulheres-mães da geração intermediária e as mais jovens.

Uma das questões iniciais deste estudo foi perceber a presença mais acentuada entre as gerações femininas do efeito de geração⁴, ou seja, procurou-se apreender a construção de narrativas de distinção geracional que enfatizassem as mudanças significativas de uma geração para outra, enfatizando o caráter de construção de sentido dado por elas, ao longo da vida, a seu lugar, nos diferentes contextos de interação social. Embora a idéia de mudança tenha sido o motor inicial do processo de pesquisa, a tensão entre mudar e permanecer está no cerne do problema aqui proposto e é própria da discussão teórica sobre geração.

Por que trabalhar geração faz sentido como uma categoria descritiva das relações sociais contemporâneas? A questão das mudanças, da rapidez das transformações (ou a percepção relativa desta rapidez) ao lado da idéia de continuidade e até mesmo de uma sacralização da continuidade e do passado compõe o conjunto de fatores para a compreensão das relações sociais na sociedade moderno-contemporânea e especificamente aquelas referidas às relações

² Alves (2007) resume desta forma o pensamento de Mead: “mundo contemporâneo (o marco inicial dessa experiência seria a partir dos anos 1940) está baseado na valorização da mudança como traço primordial das relações sociais e coloca nas gerações que chegam a responsabilidade de reinventar o mundo continuamente... Os papéis geracionais não são mais herdados, mas adquiridos entre os pares. Essa aquisição é ininterrupta e veloz” (Alves, 2007, p.135).

³ Participaram da pesquisa como bolsistas de iniciação científica: Carla Paolucci Sales, Kátia Cristina de Souza dos Santos, Ana Carolina Ferraz Correa, Rosanete Steffenon e Camila Cunha Arnaldo.

⁴ Attias-Donfut, 2004.

intergeracionais e à construção de identidade de geração⁵. Desta maneira, embora esteja me referindo ao domínio da família para instaurar a possibilidade de comparação, o que tenho em mente é tratar as gerações como uma categoria em um campo de discussão dos processos sociais mais amplos da sociedade.

A tensão entre os processos de mudança e de permanência que subjaz ao entendimento da dinâmica da vida social, é também examinada neste artigo como um elemento, ou um estilo discursivo, elaborado pelos indivíduos em suas relações sociais, para falar de si e da própria sociedade. Assim, a pergunta que percorre a investigação é como ou por qual linguagem as mulheres entrevistadas falam das diferenças e semelhanças entre as gerações, com que percepção, de continuidade ou de quebra, tratam de sua biografia e das relações entre as gerações femininas na família.

Os dados para a análise baseiam-se nas entrevistas de história de vida de três gerações de uma mesma família em universo de mulheres de camadas médias do Rio de Janeiro. O universo foi recortado a partir da definição da geração intermediária de cada grupo de três mulheres. Tomou-se como referência a mulher na faixa etária de 50 a 60 anos, com curso superior completo e que estivesse inserida no mercado de trabalho ou aposentada. A idéia básica para definir esta geração é a de que as mulheres desta faixa etária, dos segmentos médios nas grandes cidades brasileiras, experimentaram um conjunto de mudanças sociais, redefinindo o lugar da mulher nos contextos público e privado e trazendo novos significados a estas mesmas dimensões da vida social. Sem dúvida, este recorte geracional é um dos fatores para que a idéia de efeito geracional tenha sido o ponto de partida para a pesquisa.

Para mulheres que nasceram entre o final da década de 40 e o fim da década seguinte, há um entorno cultural de mudanças na ordem dos valores e das práticas da vida cotidiana suficientemente significativas para se estabelecer um marco geracional, e esta distinção geracional é particularmente vívida para as mulheres das camadas médias.

As mulheres desta faixa etária experimentaram no momento de formulação de projetos de vida para a passagem para vida adulta, um conjunto de transformações sociais que abarcam diferentes campos da vida como a sexualidade, a família, as relações entre homens e mulheres e entre gerações na vida familiar, no trabalho e em distintas esferas de sociabilidade como as definidas por laços de amizade. Vivenciaram também mudanças de ordem societária, com a reestruturação do perfil do trabalhador, com a entrada crescente das mulheres no mercado de trabalho, a profissionalização de mulheres de segmentos médios urbanos, o controle de natalidade

⁵ Sobre a relação entre mudança social e geração ver o trabalho clássico de Mannheim (1982) e Lins de Barros (2006).

e, portanto, a diminuição do número de filhos especificamente nestes segmentos sociais além do aumento do divórcio, levando à reconfiguração da família e da conjugalidade.

Este contexto de mudanças é reconhecido por vários autores que destacam movimentos sociais presentes em diferentes contextos nacionais e que marcam o que Tania Salem (2007) designa como “convulsão dos anos 60”. Para a autora, os movimentos e idéias gestados em períodos anteriores encontram condições sociais e políticas para aparecerem nestes anos de convulsão. O movimento feminista, por exemplo, abre espaço, na realidade brasileira, para discussões e para a viabilidade prática de novos estilos de vida para homens e mulheres e estabelece, também, pontos de interseção com as lutas para a liberdade democrática no Brasil e na América Latina, em um momento em que diferentes países vivem regimes ditatoriais. O momento internacional é de enfrentamento da ordem instituída: os movimentos estudantis no próprio Brasil e no mundo, maio de 68 na França, os movimentos nos EUA contra a guerra do Vietnam, o movimento hippie com a bandeira da liberação de drogas e sexo, entre outros, dão o tom deste momento. Segundo Salem (op. cit., p. 83, 84); “A denúncia é generalizada: contesta-se desde o poder do Estado sobre os cidadãos, dos homens sobre as mulheres, dos brancos sobre os negros, dos médicos sobre os pacientes etc. até atingir as instâncias socializadoras – escolas e família”.

A ênfase libertária dos diferentes movimentos põe em evidência o que Franchetto et al. (1981) apontaram na análise antropológica sobre o feminismo: o movimento feminista inscreve-se na configuração de valores individualistas, participando da concepção moderna de indivíduo e dos princípios de igualdade, de independência e de autonomia dos sujeitos. No Brasil, Heilborn e Sorj (1999) mostram que o movimento feminista “contou desde a sua origem com expressivo grupo de acadêmicas, a tal ponto que algumas versões de sua história consideram que o feminismo apareceu primeiro na academia e, só mais tarde, teria se disseminado entre mulheres com outras inserções sociais” (p. 186). A posição das feministas como acadêmicas, inseridas em contextos relacionais desiguais de classe, teria, segundo as autoras, dado as condições para “receber, elaborar e disseminar as novas questões que o feminismo colocara já no final da década de sessenta nos países capitalistas avançados” (p.186).

Velho (1986; 1998), nos estudos sobre o comportamento desviante, o uso de drogas e a subjetividade no segmento “aristocrático de estratos médios” no Rio de Janeiro; e recentemente Duarte et al. (2006), na análise sobre família e ethos religioso, mostram, em diferentes contextos sócio-culturais, as ambigüidades da difusão dos princípios individualistas na sociedade brasileira, seu não monolitismo (especialmente Velho, 1986), ao mesmo tempo em que destacam, como em vários estudos em camadas médias, a proeminência de valores individualistas ou de um

determinado individualismo nestes segmentos ou ainda sua variabilidade de expressões dependentes dos domínios como o econômico, o político, a sexualidade. (ver entre outros Lins DE Barros, 1987; Heilborn, 2004; Gonçalves, 2004; Alves, 2004; Salem, 2007; Lima, 2007). Assim, entendemos que as formas psicologizadas de construção da subjetividade são, neste sentido, uma expressão possível de construção da subjetividade na sociedade moderno-contemporânea.

As biografias dos sujeitos descrevem, igualmente, uma variação de intensidade de alguns princípios da ideologia individualista, presentes nos dilemas que se apresentam a cada indivíduo, como ter maior ou menor liberdade ou autonomia frente às áreas da vida como a família e a religião, tomando em determinados momentos da trajetória opções dramáticas entre, por exemplo, responder afirmativamente às obrigações morais da responsabilidade pelos mais velhos, pelas crianças e pelos considerados dependentes ou aderir a projetos de maior ruptura com o circuito de reciprocidade familiar. Em algumas situações como as estudadas por Russo (1993) e Lins de Barros (2004), encontramos disposições para mudança de perspectiva para a vida futura, com projetos de vida de ascensão social. Nestes casos, a educação superior e a profissão são garantia de distinção com as gerações anteriores e podem, assim como a instabilidade na situação social, ou queda social, estabelecer-se como um drama familiar em que se tornam mais definidos, para alguns membros da família do que para outros, a opção por maior autonomia e independência⁶.

Duarte (2006) propõe, por sua vez, o exame diferencial das ênfases em diferentes contextos sociais dos princípios da constituição do indivíduo moderno em sua vertente qualitativa, representada pela idéia de singularidade do sujeito, da autenticidade, da liberdade. Em trabalho recente, Lins de Barros e Machado (2007) mostram, em estudo comparativo entre mulheres de camadas médias e populares, diferentes significados para a autonomia da mulher nas interpretações da biografia de cada mulher entrevistada. Mais condensadas em visões psicologizadas, no caso das camadas médias e mais calcadas em princípios religiosos, nas camadas populares.

Para as mulheres da geração intermediária, para suas mães e mesmo para suas filhas há uma particularidade na experiência destas tensões entre individualizar-se e ser incorporada ao grupo familiar. Os estudos sobre a condição da mulher na sociedade contemporânea têm insistido na continuidade de padrões de assimetria de gênero nas relações familiares, no mundo do trabalho, na política, etc. embora se perceba as diferenças entre as gerações e entre diferentes

⁶ Os trabalhos de Russo (1993) e Lins de Barros (2004) mostram trajetórias de vida de indivíduos em diferentes segmentos médios em que a distinção social se faz pela escolha e formação de nichos e carreiras profissionais, criando uma possibilidade de ascensão em relação à família de origem e constituição da autonomia individual como um valor.

segmentos de classe e mesmo entre regiões. Em trabalhos recentes organizados por Araújo e Scalon (2005), baseados em survey que forneceu dados sobre percepção e atitudes em relação à inserção da mulher no mercado de trabalho, à divisão do trabalho doméstico, ao papel da maternidade e do casamento no Brasil, os autores respondem às questões sobre mudanças de valores e práticas, relativas às relações de gênero pela expectativa de um padrão mais igualitário nas relações de gênero na família, embora esta tendência venha acompanhada de posicionamentos contrários, sobretudo, quando a questão é a maternidade.

Assim há posições mais abertas e menos tradicionais para o envolvimento feminino com a vida profissional, mas essas posições não parecem implicar ou vir acompanhadas de redefinições do papel maternal e da centralidade da maternidade na vida doméstica. E o fato é que surpreende a elevada aceitação da idéia do homem provedor e da mulher dona-de-casa (Araújo e Scalon, op. cit, p.67).

A interpretação da desigualdade da experiência geracional e de gênero, quanto à adesão aos ideais de autonomia, de liberdade e de independência, não está de forma alguma baseada em princípios evolutivos de expansão sistemática dos valores individualistas. Trata-se, sim, de entender as dimensões da desigualdade nestas dimensões assim como naquelas referidas às classes ou segmentos sociais de nossa sociedade, como própria da complexidade da sociedade moderno-contemporânea que se caracteriza pela heterogeneidade cultural, pela especialização da divisão do trabalho, pelas diferenças nos acessos a bens materiais e simbólicos, a status social, a poder e a direitos, pela diferenciação e descontinuidade de níveis e de domínios da realidade social e pela proeminência do indivíduo como a unidade social básica (Velho, 2001).

Segue-se nesta argumentação, que nas relações cotidianas, em seus diferentes planos da vida social, há uma constante definição dos significados da realidade pelos sujeitos envolvidos, onde estão sendo negociadas várias dimensões: poder, status, legitimidade, possibilidade de construir e realizar projetos etc. Nesta discussão conceitual é absolutamente fundamental o argumento da constituição social e cultural desta definição da realidade, como tenho sistematicamente enfatizado nos trabalhos anteriores e particularmente nos estudos sobre memória individual e social e sobre projetos de vida e os campos de possibilidade, socialmente construídos para sua efetivação. Sobre a mesma temática, em trabalho recentemente traduzido, Ortner (2007) introduz em suas reflexões sobre a teoria da prática a idéia de “jogos sérios”. Para ela, “Assim como na teoria da prática, a vida social, sob a perspectiva dos jogos sérios, é vista como algo ativamente jogado, voltado para metas e projetos culturalmente constituídos e envolvendo tanto práticas de rotina como ações intencionalizadas”. (p. 45, 46).

É desta forma, percebendo as mulheres como agentes envolvidos em relações sociais e em contextos e situações sociais, que procuro compreender as diferenças e aproximações entre as trajetórias das três gerações de mulheres. Dentre outras questões relevantes para se compreender as relações intergeracionais e a idéia de transmissão de valores e de disposições para a ação entre as gerações, está a importância atribuída às mães no processo de transferência dos legados simbólicos (Vitale, 1995 e 2007). Em Lins de Barros (1987) apontava que as avós, acompanhando as transformações relativas à mulher de camadas médias, encorajavam as filhas a se profissionalizarem e a conquistarem independência financeira e algum grau de autonomia. Em trabalho recente baseado em pesquisa comparativa em países europeus sobre família, gênero e trabalho, Torres, Mendes e Lapa (2007) mostram que “a atividade profissional das mães têm efeitos indubitáveis na entrada das filhas no mercado de trabalho” (p.170). E acentuando a importância do que chamam de “efeitos de transmissão” de uma geração para outra, no plano dos comportamentos, acrescentam que “São efeitos específicos de socialização, aliás, tanto mais reforçados quanto maior for o nível de ensino atingido pela mãe” (p.170). Em relação ao aprendizado da sexualidade, Heilborn et al. (2006) mostram, na pesquisa sobre gravidez na adolescência, como particularmente as mães das camadas médias têm um papel fundamental para a transmissão de conhecimentos sobre sexualidade, gravidez etc. Ampliando para outras áreas a importância materna na socialização dos filhos, Machado (2006), referindo-se à formação religiosa, afirma que “existe consenso na literatura de que a mãe tem mais influência do que o pai sobre os membros das gerações mais jovens” (p.98).

Três gerações femininas

Início agora as apresentações e descrições da pesquisa. Foram realizadas entrevistas de história de vida com 24 mulheres das três gerações, correspondendo a sete grupos de três gerações e a três mulheres entrevistadas de duas famílias distintas, que corresponderiam a mais dois conjuntos completos de mulheres. Há, certamente, alguma coisa a dizer sobre o trabalho de campo realizado por mim e por minhas bolsistas de iniciação científica e por doutorandas, mas ficarão para outro momento as reflexões sobre o processo da pesquisa quando mulheres em gerações diferentes se confrontaram durante as entrevistas. Neste momento interessa apontar alguns aspectos deste universo de mulheres de camadas médias. Meu conhecimento pessoal, a rede de relações de uma amiga e das bolsistas de iniciação científica foram o espaço para o contato para as entrevistas. As mulheres entrevistadas não compõem, na maioria, uma rede social, embora três mulheres da geração intermediária façam parte da mesma rede, tendo sido indicadas por uma amiga comum a elas, elo que as une nesta rede. A diversidade de caminhos para

estabelecer o universo de pesquisa fez deste um conjunto heterogêneo em vários aspectos, como será examinado.

A idade da primeira geração varia entre 69 e 88 anos, as mulheres desta geração tiveram entre dois e quatro filhos. Casar, ter filhos logo nos primeiros anos, deixar de trabalhar e dedicar-se aos trabalhos da casa e à educação dos filhos fazia parte de um script para o qual muitas delas não se achavam preparadas. A rigidez nas atribuições das atividades femininas e masculinas com a qual foram socializadas não é atenuada no casamento. Assim, as narrativas das histórias de vida apresentam uma imagem naturalizada das passagens ao longo do curso da vida. Em alguns casos a queixa da falta de oportunidades para uma vida mais autônoma recai sobre o marido, considerado por algumas como inflexível para as mudanças tanto em relação a elas como aos filhos e muitas vezes menos abertos e liberais do que os próprios pais. Desta forma, ao lado da tendência em compreender as situações vividas como próprias de sua geração, há um tom crítico à dependência financeira e ao limite à autonomia da mulher experimentados por elas. A capacidade de percepção destes constrangimentos é construída ao longo da vida nas diferentes esferas na vida, mas, sobretudo, nas relações com os filhos e netos. Acompanhando as mudanças sociais e de mentalidade em relação ao lugar da mulher na sociedade, a educação das filhas estava fortemente dirigida para a escolarização superior e para a profissionalização.

Para este segmento de classe a independência financeira está basicamente referida ao ganho adquirido pelo trabalho. Desta forma, a crítica à falta de independência para gerir suas próprias vidas está associada à autonomia e à realização de possibilidades que já estavam postas para este segmento etário, como estudar e seguir uma carreira profissional. Duas mulheres que não trabalharam depois de casadas definem como “uma burrice não trabalhar fora” ou que “a mulher sem trabalho fica lesada, uma parte dela não desenvolve porque a parte profissional é muito importante”. Trabalho, portanto, não é apenas uma ajuda ao orçamento doméstico como algumas fizeram, costurando para a família e mesmo para fora, mas está definido como um projeto profissional.

O casamento corresponde, assim, a um corte nos projetos de trabalho e de estudos. Casar significa para a maioria uma interrupção, mas ao mesmo tempo a tomada de um projeto no qual elas assumem a tarefa do cuidado, não apenas material, mas simbólico. A transmissão de valores na educação dos filhos é sua atribuição, assim como a responsabilidade pela manutenção do vínculo afetivo com o marido, uma vez que “estariam especialmente vocacionadas para as emoções, a domesticidade, as relações familiares”⁷. A separação, portanto, não é comum neste

⁷ Torres, 2000, p.154.

segmento etário embora tenhamos três casos e em um deles, excepcionalmente, a entrevistada viveu duas separações (um desquite e uma separação de uma união consensual). De qualquer forma estas situações podem ser descritas como faz Bruna (geração intermediária) ao comparar-se com a mãe e a avó: “Nós separamos, elas eram abandonadas”. A separação era uma marca estigmatizante para a mulher de modo geral, algumas falam que não podiam se relacionar com mulheres separadas e Lindalva, que se separou duas vezes, relatou situações constrangedoras das pessoas atravessarem a rua para não falar com ela.

Há variações, portanto, dentro de um padrão comum de assimetrias de gênero e de definições tradicionais do papel feminino. Quanto à escolaridade e à educação as experiências são variadas neste segmento etário. Duas mulheres fizeram curso superior. Três outras iniciaram cursos universitários, uma delas depois de casada (direito, biblioteconomia e museologia), mas não concluíram. Outras duas concluíram o curso técnico em contabilidade e trabalharam antes de casar e outra fez o curso normal, foi professora durante alguns anos e depois trabalhou como secretária e, como as duas primeiras, o casamento deu um ponto final na vida profissional. Outras duas têm apenas o ensino fundamental. Apenas duas mulheres entrevistadas desta geração trabalharam depois do casamento, uma delas concluiu o curso superior (belas artes) e a outra, Berenice, tem o ensino fundamental. A experiência profissional tem motivações diferentes nestes casos. O abandono do marido deixando-a sozinha e sem condições financeiras, obrigou Berenice a trabalhar no escritório de contabilidade da família, atividade que exerce até hoje e que a possibilitou manter os filhos quando pequenos e a si mesma até hoje. Laura casou-se aos 28 anos, formada em belas artes, assim como o marido, trabalhou em um ateliê até casar. Enviuvou cedo, antes dos 40 anos, quando morava fora do Rio de Janeiro. Na volta à cidade iniciou na vida profissional como jornalista em uma rádio pública até se aposentar e continuou a realizar trabalhos como pintora.

O fato da maioria não trabalhar depois de casadas não significou uma retração nas redes sociais destas mulheres. A circulação se fazia na família extensa, entre amigos do casal. Como três delas casaram com militares, os deslocamentos no país e no exterior obrigaram as constantes reorganizações destas redes. Hoje há uma retração nas redes de sociabilidade para algumas que acabam se limitando ao convívio com os filhos, netos e vizinhos; para outras há as atividades religiosas e assistenciais. Anália (73 anos) tem além destas opções, um círculo de amigas com quem frequenta teatros, joga cartas e faz ginástica. E por fim, Berenice (72 anos) que soma ao convívio com a família e a estas atividades, o trabalho.

As aposentadorias e pensões garantem uma vida mais ou menos tranqüila para as mulheres, sobretudo, para as casadas e viúvas de militares-oficiais, permitindo que ainda hoje

ajudem os filhos e netos e lhes possibilitem viagens e estudos. Para duas entrevistadas, entretanto, (Lindalva, 83 anos e Antonia, 69 anos) são as filhas que lhes dão parcial ou totalmente o suporte financeiro. Estas transações, ajudas e cuidados em diferentes direções têm um caráter afetivo e de obrigação moral definida pelos laços familiares.

As mulheres desta geração moram, as duas casadas com seus maridos, as viúvas sozinhas e uma delas, Lindalva, com uma irmã e Anália (73 anos) com um dos netos de 27 anos a quem ajuda financeiramente. As filhas entrevistadas as visitam freqüentemente para saber se “tudo está bem” mesmo que por um breve instante, estes cuidados com a mãe e os pais velhos são muitas vezes divididos, sobretudo com as irmãs. As tarefas domésticas cotidianas são realizadas por empregadas domésticas e faxineiras diaristas. Isto não significa que costurar e cozinhar não estejam entre suas qualidades e atribuições femininas. A presença das domésticas e das babás é, em alguns casos, fundamental para a explicação das relações familiares e dos vínculos afetivos entre as entrevistadas e estas figuras femininas. Há empregadas que são consideradas da família e passam de mãe para filha e, desta forma, algumas mulheres da segunda geração têm experiências semelhantes às mães em relação à vida doméstica. Quase todas as mulheres da primeira geração falam do despreparo para a vida de casadas e para a maternidade, o que significou a presença marcante das mães e sogras na fase inicial do casamento e dos nascimentos dos filhos. Em alguns casos há uma reprodução desta relação entre mães e filhas, o que é suficientemente marcante para que as netas tenham em relação às avós (primeira geração) e à casa das avós um sentido de acolhimento, de diálogo e de cuidado.

A geração intermediária (48 a 60 anos) tem de um a três filhos e viveu experiências de estudo, de trabalho e de relações conjugais distintas de suas mães. Embora as opções profissionais as coloquem majoritariamente no campo das profissões femininas, entrar para a universidade, trabalhar e ter uma carreira profissional faz parte de um projeto de vida e de construção de uma subjetividade pautada por ideais de autonomia e de independência econômica. A trajetória de vida é percebida como um processo de lutas e de enfrentamentos que começa na juventude com a contestação da educação dos pais, continua com os conflitos e separações conjugais, com a busca de uma satisfação profissional e uma constante preocupação financeira. Para estas mulheres, de uma maneira geral, a autonomia em suas decisões e opções é acompanhada da independência financeira. Trabalhar era um imperativo não só porque se torna um valor no projeto de autonomização, mas porque é, de fato, uma necessidade neste segmento de mulheres. Há, entretanto, ao longo da vida e, até hoje, a busca por um equilíbrio entre a satisfação pessoal e a carreira profissional.

Apesar de o casamento ter sido o momento em que saem da casa dos pais e os filhos nascerem nos primeiros anos de vida conjugal, as separações marcam suas vidas em vários sentidos: afetivos, financeiros, sociais. Das sete entrevistadas, seis já se separaram alguma vez e duas estão casadas novamente. A comparação com o projeto de casamento das mães mostra que esta geração tem, diferentemente da geração mais velha, uma mescla de ideais de relações conjugais: ao mesmo tempo em que tiveram a expectativa de um amor romântico em algum momento de suas trajetórias, vivem hoje, destruído o modelo do amor-romântico, o projeto do modelo de amor-construção⁸ no qual cabe ao casal construir constantemente a relação a dois e o respeito à individualidade. Neste sentido, a falta de diálogo, o “mutismo completo” durante anos foi apresentado como um dos motivos para a separação do primeiro marido. As separações vieram, também, marcar em suas vidas a dissociação entre sexualidade e casamento e neste sentido garantir alguns pontos ao projeto de autonomia e de possibilidade aos fluxos entre os mundos sociais e de aumento relativo da importância dos amigos em suas redes sociais. Estas mulheres acompanham um movimento de transformações de valores e de práticas presente nestes segmentos sociais urbanos, e que tem para as mulheres um sentido mais importante de mudanças. Há um trânsito entre mundos sociais que é inaugurado por esta geração de mulheres nestes segmentos sociais: família, trabalho, amizade, sexualidade são domínios da vida que ganham importâncias relativas ao longo da trajetória de vida, trazendo para as entrevistadas tensões constantes para ajustar as necessidades com os cuidados com os pais, o apoio financeiro dos filhos adultos e seus próprios projetos de vida no campo profissional, afetivo e sexual.

As relações com as filhas fazem parte, portanto, desta rede mais ampla e diversificada de sociabilidade, de trocas afetivas e de cuidados. As diferenças entre a geração intermediária e a mais jovem (22 a 36 anos) são mais sutis do que aquelas entre a geração intermediária e suas mães. Até certo ponto há para as duas gerações (intermediária e jovem) uma mesma tensão entre as representações de si baseadas em idéias de escolha, opção, prazer, autonomia e liberdade com matiz psicologizante e as que evocam um indivíduo relacional onde a categoria de obrigação e a família como um valor se destacam. Podemos afirmar que as duas gerações têm muito claramente a idéia de si como indivíduos autônomos e, enquanto tal, explicam seus movimentos de aproximação e afastamento ao longo da vida e hoje em relação a idéias políticas, à religião, a redes sociais e à família.

A mesma tônica individualista marca a vida profissional destas duas gerações e, neste aspecto, as duas gerações têm diferentes formas de enfrentamento. A geração intermediária fez a

⁸ Torres, op. cit.

escolha da carreira profissional ao entrar para a universidade. As duas mulheres que estão aposentadas seguiram a escolha inicial até a aposentadoria, as outras que ainda estão trabalhando dividem-se entre as que tiveram uma única carreira profissional e outras que percorreram outros caminhos profissionais, mas para os quais se sentem plenamente preparadas. A inserção na vida profissional iniciou-se cedo, algumas ainda como estagiárias durante o curso de graduação. Apenas uma delas inicia o curso superior depois do casamento e do nascimento dos filhos, mas entra para o mercado de trabalho como professora do ensino elementar logo que conclui o curso normal de formação de professores.

A vida profissional das jovens vem mostrar um dilema para os princípios da geração intermediária que estão pautados nas idéias de escolha individual, de cuidado de si, do prazer. São estes os princípios que marcaram as bases da educação das filhas. Este dilema aparece na busca incessante de uma carreira que satisfaça projetos individuais que pretendem associar princípios de prazer com uma garantia de independência financeira. Esta combinação é pouco encontrada pelas jovens. Uma única jovem mulher, a mais velha do grupo, casada pela segunda vez e com dois filhos, um do primeiro casamento, tem independência financeira, com uma inserção mais segura no mercado de trabalho. Para as jovens entrar no mercado de trabalho mais efetivamente para garantir sua independência financeira é algo que vem sendo adiado. A possibilidade de contar com as mães e/ou com os pais é um dado deste universo de pesquisa. Esta realidade da dependência financeira é também definidora da configuração das residências.

Uma das questões que aparecem nas entrevistas das mulheres da geração intermediária é a dinâmica da unidade residencial. Há uma flexibilidade presente nas unidades residenciais que não estão referidas ao ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico (o nascimento dos filhos e sua posterior saída para a constituição de novas unidades residenciais). Esta flexibilidade está relacionada a eventos que fazem parte das experiências de vida desta geração de mulheres: separações conjugais, novos casamentos com a entrada do novo companheiro na residência, saída dos filhos, jovens e jovens adultos para estudar ou tentar a vida profissional fora do país ou da cidade, durante um ano ou mais, e sua volta muitas vezes não prevista ou desejada; a retirada mais do que a saída de filhas após conflitos insolúveis entre mãe e filha.

A dinâmica da unidade residencial passa a ser um ponto distintivo da geração intermediária frente às próprias mães e filhas. Em relação às mães, a primeira geração, as mulheres mostram uma reversibilidade constante na organização doméstica: ora estão com as filhas, ora não. Os motivos para a saída e entrada dos filhos para a primeira geração não eram os mesmos vividos pelos jovens de hoje. Saía-se de casa para casar e voltava-se, às vezes, após a separação e por um tempo. Ou ainda, como para uma das entrevistadas para o apoio familiar

depois do nascimento de um filho doente. Além disso, a saída, ou a primeira saída ocorria mais cedo, o que aponta para um casamento também mais cedo. Neste caso, a comparação é com as próprias filhas que casarão mais tarde ou não casam e que saem de casa para voltar em algum momento em que o projeto de vida fracasse.

Quando as jovens saem de casa das mães após conflitos continuados com as mesmas, algumas vezes ocasionados pelo novo casamento, coloca-se uma outra questão: as jovens acabam sendo acolhidas na casa das avós ou dos pais. Estes já constituíram outras famílias, indo a jovem coabitar com o pai, a madrasta e seus filhos e seus meio-irmãos. Para as jovens, rompe-se um padrão de matrifocalidade da residência.

Sob o ponto de vista das jovens, elas circulam entre residências em um circuito familiar. A família se expande e se ramifica em várias residências. Há assim uma negociação constante nestas entradas e saídas da qual participam vários elementos das relações familiares das jovens. O discurso mais psicologizado, explicativo desta tendência em circular entre residências, não deixa de ter também uma razão prática: onde haverá menos atritos e mais apoios⁹.

Esta experiência é vivida pelas mulheres da geração intermediária ao mesmo tempo em que redefinem seus relacionamentos familiares com os pais e os irmãos. Hoje, com os pais mais velhos e com a preocupação com o cuidado destes, a presença diária ou semanal na casa da mãe ou dos pais tornou-se um imperativo. Esta aproximação é acompanhada, também, de uma reaproximação dos irmãos com quem não se tem, necessariamente, afinidades e comunhão de estilos de vida.

Esta reorganização das esferas de sociabilidade e a presença mais constante da grande família no cotidiano vão ser vividas pela geração intermediária e pela mais jovem dentro da combinação tensa entre valores que enfatizam uma subjetividade psicologizada e os referenciais de valores relacionais que definem as relações na família moderna¹⁰.

Nas camadas médias, todas as mulheres da geração intermediária tiveram uma educação religiosa católica como suas mães. A maioria das entrevistadas da primeira e da segunda geração estudou em escolas católicas tradicionais do Rio de Janeiro dirigidas por irmandades de freiras e que só permitiam a entrada de meninas. Para as mulheres mais velhas, a infância e adolescência são compreendidas como um período de educação rígida e sem escolhas possíveis, salvo uma entrevistada que se comparando às pessoas de sua geração, observa que o pai, profissional liberal, e a mãe, dona-de-casa, teriam tido idéias mais liberais na educação dos filhos, não relacionando a

⁹ A utilização do termo circulação é uma referência explícita à discussão de Claudia Fonseca (1995) sobre circulação de crianças.

¹⁰ SINGLY, 2007.

educação católica a maior controle. Esta mesma entrevistada com a morte de um dos filhos faz um trânsito religioso do catolicismo para o espiritismo kardecista, levando com ela uma das filhas. O catolicismo é efetivamente praticado por três entrevistadas que comparecem às missas dominicais e às festas religiosas; uma delas participa de um círculo bíblico e outra é acompanhada pelo marido, igualmente um católico praticante.

A socialização religiosa da geração intermediária foi revista ao longo da vida, sobretudo nos anos 70 quando o conjunto de valores referidos à família, casamento, religião foram colocados em questão e, para parte das entrevistadas, este movimento é acompanhado por adesões a ideais políticos de esquerda nas lutas contra a ditadura. A irreligiosidade que parece predominar naquele momento de vida é negociada com a família de origem em alguns momentos. O casamento e o batizado dos filhos ou de parte deles (uma das mães não batiza um dos três filhos) na igreja católica revelam uma busca por conciliações com uma tradição familiar do que uma opção propriamente religiosa. Uma entrevistada fala de suas trajetórias religiosas: *“Dos meus filhos, tenho um que não é batizado, que é esse que nasceu numa fase hippie... Eu fiquei muito tempo afastada da religião e hoje me considero uma pessoa religiosa, mas eu não comungo e não me confesso faz sessenta anos!!!”*

Mais adiante a entrevistada falando da filha, apresenta de forma exacerbada o que Duarte (2006) trata como a gestão da vida privada e do subjetivismo presente nas atitudes religiosas. *“Eu acho que cada religião atende a um determinado tipo de pessoa, no fundo é um suporte. E eu acho que tem essas autonomias”*.

Vemos assim uma negociação constante relativamente à religião e, sem dúvida, a família enquanto um valor está englobando as revisões individuais das adesões religiosas. Não casar de véu e vestido branco comprido foi uma das formas que uma das mulheres diz ter explicitado que estava realizando a cerimônia religiosa apenas para não confrontar diretamente a família e, ao mesmo tempo, poder afirmar sua forma de negociar a situação.

As jovens, por sua vez, foram já plenamente socializadas em um ambiente fluido de uma religiosidade não amparada institucionalmente, embora tenham sido batizadas na igreja católica. Algumas, hoje, criticam a ausência de uma orientação mais francamente religiosa em sua educação e outras reafirmam as mesmas atitudes das mães. Combinam como estas, uma adesão a princípios católicos ou cristãos mais genéricos, uma busca de uma religiosidade em momentos de aflição e uma valorização das opções individuais neste campo.

Neste sentido, o recurso à religião parece, à primeira vista, não diferir da busca das religiões em momentos de sofrimento como foi encontrado no universo de mulheres de camadas populares. Mas neste caso, o das mulheres de camadas médias, a religiosidade mais do que a

religião institucionalizada está combinada com outros recursos que podem ser acionados nestes momentos: as terapias de linha psicanalíticas, os cuidados com o corpo, as viagens que definem um estilo de vida e uma busca de si mesmo, a intensidade de procura da completude em relações de amizade, namoro e conjugalidade.

Considerações finais

Os aspectos fundamentais comuns a este conjunto de mulheres de camadas médias, sobretudo, aqueles que, relativos a ideais formulados com nitidez pela geração intermediária, a autonomia nas decisões em suas vidas e independência para não precisar se submeter a ninguém, não permitem concluir pela homogeneidade neste universo de pesquisa. Não é apenas o fator geracional que contribui para a heterogeneidade nas ênfases em valores individualistas e nas possibilidades socialmente apresentadas para cada mulher para colocar em prática suas maneiras de pensar, mas há, na mesma geração, situações bastante diferenciadas. As mulheres moram em diferentes bairros, fizeram percursos residenciais que correspondem a movimentos de ascensão e queda de suas posições sociais e de definição de status e de estilos de vida agregados aos bairros do Rio para as escolhas de residência. Concluo trazendo algumas observações para marcar a importância da diversidade e heterogeneidade das camadas médias tanto no sentido dos valores como da prática, referindo-me à profissionalização, educação, conjugalidade, maternidade e solidariedade intergeracional.

Há nítidos movimentos de instabilidade social na geração mais velha. Duas mães são sustentadas pelas filhas da geração intermediária, depois de falência familiar e fracasso no estabelecimento comercial. A falta de previsão e um espírito perdulário dos pais são as desculpas para as situações de queda de status social nesta geração, agregada a uma baixa escolaridade dos pais. Situações de estabilidade aparecem, ao contrário, quando as mulheres se casam com oficiais das forças armadas. Os maridos das mulheres mais velhas, os oficiais militares da Marinha, Exército e Aeronáutica, optaram por carreira prestigiada e que lhes garantiu estabilidade econômica e significou a adesão a valores modernos que distinguiu as camadas médias nas metrópoles brasileiras na década de 1940 como pode ser atestada em pesquisas sobre camadas médias brasileiras e em particular, cariocas e, hoje, uma tranquilidade financeira, podendo com isto ajudar filhos e netos quando preciso.

As mulheres da geração intermediária apresentam, por sua vez, uma situação social mais estável. O trabalho não é só um valor apreciado para que elas se sintam valorizadas como pessoa, mas lhes garante também independência financeira. A educação superior é fundamental neste sentido, mas não é uma razão necessária para a condição mais favorável. Nem todas as mulheres

têm um sentido de carreira, que corresponde a um projeto de vida e de profissão. Para algumas, o curso superior não é fundamental para sua posição no mercado de trabalho. A expansão e a heterogeneidade do próprio trabalho abriram possibilidades diferenciadas de campos de trabalho nos quais estas mulheres se inserem, ainda em profissões femininas como bibliotecária e professora, por exemplo.

De alguma maneira, a geração mais nova recebe de suas mães a valorização dos ideais de autonomia e de independência, mas eles não correspondem necessariamente à permanência em postos de trabalho. O adiamento da entrada na vida profissional ou sua intermitência pode estar relacionada às dificuldades do próprio mercado, mas também são parte de uma outra forma de se colocar no mundo e esta forma pressupõe a participação da mãe e, ou do pai nas suas despesas cotidianas. Nesse sentido, vemos que as aquisições, em termos de autonomia e independência financeira das mulheres das camadas médias da geração intermediária, corresponderam a um momento de suas trajetórias de confluência de valores individualistas e possibilidades de acesso à escolarização superior e à profissionalização em um momento de abertura para o questionamento das assimetrias de gênero e para as transformações na família. Embora o legado transmitido às filhas seja no sentido de valorização do projeto de autonomização e independência, ele não tem se efetuated na prática. As jovens de camadas médias adiam a passagem à vida adulta plena e encontram, também, condições sociais não muito favoráveis à realização do projeto de vida. A concepção de uma vida autônoma parece estar mais atrelada aos trânsitos entre mundos sociais e menos à profissionalização como aparece ter sido as trajetórias de suas mães.

Bibliografia:

ALMEIDA, Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.) *Culturas juvenis. Novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

ALVES, Andréa Moraes. Os idosos, as redes sociais e as relações familiares. In: NÉRI, Anita Liberalesso (Org.) *Idosos no Brasil. Vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Perseu Adorno/Edições SESC, 2007.

ALVES, Andréa Moraes. *A dama e o cavalheiro. Um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In: ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi (Org.) *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV Editora/FAPERJ, 2005.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. Sexo e envelhecimento. In: PEIXOTO, C. E. (Org.) *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Ethos privado e justificação religiosa. Negociações da reprodução na sociedade brasileira. In: HEILBORN et al. *Sexualidade família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond 2005, p.137-176.

DUARTE, Luiz Fernando Dias; JABOR, Juliana de Mello; GOMES, Edlaine Campos; LUNA, Naara. Família, reprodução e ethos religioso: subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes. In: DUARTE, L. F. D.; HEILBORN, M. L.; LINS DE BARROS, M.; PEIXOTO, C. *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

FONSECA, Claudia. *Caminhos da adoção*. São Paulo: Cortez, 1995.

FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura; HEILBORN, Maria Luiza. Antropologia e Feminismo. In: *Perspectivas antropológicas da mulher I*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

GONÇALVES, Eliane. Um teto para si: a experiência de mulheres morando sozinhas. Trabalho apresentado na XXIV Reunião Brasileira de Antropologia. Recife/Olinda, 2004.

GUEDES, Simoni L. Redes de parentesco e considerações entre trabalhadores urbanos: tecendo relações a partir de quintais. *Cadernos CRH*, Salvador, nº29, 189-208, 1998.

HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELLI, Sergio (Org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Editora Sumará: ANPOCS; Brasília, DF: CAPES, 1999.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par. Gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza e CABRAL, Cristiane S. Parentalidade juvenil: transição condensada para a vida adulta. In: CAMARANO, Ana Amélia. *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

HEILBORN, Maria Luiza et al. *O aprendizado da sexualidade. Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ/Garamond Universitária, 2006.

JELIN, Elizabeth. *Pan y afectos – La transformación de las familias*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 1998.

_____. Família: Crisis y después. In WAINERMAN, C. H. (comp.) *Vivir en familia*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1996.

JELIN, Elizabeth & FEIJÓ, Maria Del Carmen. Trabajo y familia en el ciclo de vida femenino; el caso de los sectores populares de Buenos Aires. *Estudios Cedes*, vol.3, nº8/9, 1980.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. Ethos ‘emergente’: notas etnográficas sobre o ‘sucesso’. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 22, nº65, outubro de 2007.

LINS DE BARROS, Myriam. *Autoridade e afeto. Avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

_____. Do ‘mundinho’ fechado ao universo quase infinito. *Caderno CRH*, vol.17, no. 42, set./dez.2004.

_____. Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas. In: *Família e gerações*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LINS DE BARROS, Myriam e MACHADO, Maria das Dores C. Gênero, geração e classe: uma discussão sobre mulheres de camadas médias e populares no Rio de Janeiro. Trabalho apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Recife. 29 de maio a 01 de junho de 2007.

MACHADO, Maria das Dores C. Religião, família e individualismo. In: Duarte, L. F. D.; HEILBORN, M. L.; LINS DE BARROS, M.; PEIXOTO, C. (Org.). *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

_____. Representações e relações de gênero em grupos pentecostais. *Revista Estudos Feministas*, v.13, p.387 - 396, 2005.

_____. *Carismáticos e pentecostais: Adesão religiosa e seus efeitos na esfera familiar*. Campinas: Editora Autores Associados/ ANPOCS, 1996.

MANNHEIM, Karl. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982.

MATTOS, Patrícia. A mulher moderna numa sociedade desigual”. In: SOUZA, Jessé (Org.) *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 153-196.

MEAD, Margareth. *Cultura y compromiso: estudio de la ruptura generacional*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2002.

ORTNER, Sherry B. Conferências de Sherry B. Ortner. Uma atualização da teoria da prática. In: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter (Org.) *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. ABA, Blumenau: Nova Letra, 2007.

_____. Conferências de Sherry B. Ortner. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter (Org.) *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. ABA, Blumenau: Nova Letra, 2007.

PEIXOTO, Clarice Ehlers; SINGLY, François de; CICHELLI, Vincenzo. *Família e individualização*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2000.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar. In: PEIXOTO, C. E. *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

RUSSO, Jane. *O corpo contra a palavra*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

SALEM, Tania. Tensões entre gêneros na classe popular: uma discussão com o paradigma holista. In: *Mana*. Rio de Janeiro, vol.12, nº 2, 2006.

_____. *O casal grávido. Disposições e dilemas da parceria igualitária*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007.

SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007.

SORJ, Bila. Percepções sobre esferas separadas de gênero. In: ARAÚJO, Clara e SCALON, Celi (Org.) *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV Editora/FAPERJ, 2005.

THERBORN, Goran. *Sexo e Poder – A família no mundo: 1900-2000*. São Paulo: Contexto, 2006.

TORRES, Anália. A individualização no feminino, o casamento e o amor. In: PEIXOTO, Clarice E. et al. (Org.). *Família e individualização*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2000.

TORRES, Anália, MENDES Rita e LAPA Tiago. Família e trabalho na Europa. In: ARAÚJO, Clara; PIKANÇO, Felícia; SCALON, Celi (Org.) *Novas conciliações e antigas tensões? Gênero, família e trabalho em perspectiva comparada*. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *Subjetividade e sociedade. Uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

_____. *Nobres e anjos*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.

_____. “Biografia, trajetória e mediação”. In: VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (Org.). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

VITALE, Maria Amália Faller. Socialização e família: uma análise intergeracional. In: CARVALHO, Maria do Carmo B. (Org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Cortez/EDUC, 1995.

_____. Avós, velhas e novas figuras da família contemporânea. ACOSTA, Ana Rojas e VITALE, Maria Amália Faller (Org.). *Família, redes, laços e políticas públicas*. 3ª edição, São Paulo: Cortez Editora/IEE/PUC/SP, 2007.

WOODHEAD, Linda. Women and religion. In: WOODHEAD, L [et al.] *Religions in the modern world*. London: Routledge, p.332-35.